

## Matéria negra

Tenho as palavras do mundo à minha volta,  
um plasma viscoso, uma matéria negra  
que apenas está e me perturba.  
Se eu mergulhasse as mãos nessa distância,  
traria para mim a aflição da terra  
e a transparência do que não desejo -  
algo sairia, um espécie de fogo de artifício  
a fingir que era real, como se as palavras  
me atacassem com os seus dentes  
e me desapossassem de mim mesma  
com o seu horror ao silêncio e à dúvida.  
Por isso viajo sem remédio, cada vez  
mais depressa, devido à existência  
de tudo o que se esconde à minha volta.

(Inédito)

## Escreve-me um poema

Escreve-me um poema,  
mesmo sem ardor,  
que diga assim: “tu és  
essa pedra pesada no meu peito  
que encontrou o seu lugar  
para a vida inteira”.

Escreve-me um poema, diz-me  
quem eu sou, e tu respondes:  
“não posso fugir para o silêncio,  
tenho a vida por um fio,  
e esse fio, mesmo sem ardor,  
és tu”.

Escreve-me um poema  
que abra a caverna da memória  
e depois a feche para sempre.  
Se o escreveres, hás de sentir  
o ardor claro que abre os dias.  
Porque é para mim.

(Inédito)

## Fui passear com Kandinsky

Fui passear com Kandinsky. Aquele  
que pinta com tintas que parecem  
exclamações pela parede, mesmo  
se as casas são trovões, o céu caía de roxo  
e os cavaleiros tenham a grande surpresa  
de existir. São telas barulhentas, que deambulam  
por ruas e altos de montanha. Não sei  
se ele era o pai, ou o filho ou o impostor  
que aquelas cores não tinham tido.  
As telas, ouvi-as respirar quando  
podiam, e era muitas vezes. Mãos  
encordoadas, troncos, brilhos de pedra  
citadina, férias absolutas pela noite.  
E, no entanto, por detrás das coisas simples,  
Kandinsky sussurrou-me, “tens de andar  
depressa ou as cores desaparecem, não  
as esmagues, dá-lhes pressa em pleno ar  
e terra que cheire a terra, não negues

as linhas retas que parecem lamentar-se”.  
O mundo está mesmo aqui,  
e eu, mesmo a correr,  
já não passeava com Kandinsky,  
porque ele galopava à minha frente  
na enorme planície amarela  
de 1909.

(Inédito)

#### NOTA BIOGRÁFICA

Isabel Cristina Pires nasceu em 1953. Licenciou-se em Medicina em Coimbra, especializando-se em Psiquiatria. Desde 1987 que tem vindo a publicar regularmente prosa e poesia. Entre as suas obras mais conhecidas contam-se: *Universal, Limitada*, (contos, 1987 – prémio Caminho de Ficção Científica e prémio Revelação da revista *Mulheres*); *A Árvore das Marionetas* (romance, 1989); *A Casa em Espiral* (contos, 1991); *A Roda do Olhar* (poesia, 1993); *À Porta de Nárnia* (poesia, 1995); *Cobra de Papel* (poesia, 1997); *Todas as Cores do Azul* (poesia, 2001); *O Nome do Poeta* (romance, 2003); *Deserto Pintado* (poesia, 2007); *O País das Ondas à Janela* (poesia, 2013); e *Cidade das Imagens* (poesia, 2015). Está representada em inúmeras antologias de poesia e conto, quer em Portugal, quer no estrangeiro (traduções em catalão, francês, inglês e alemão).